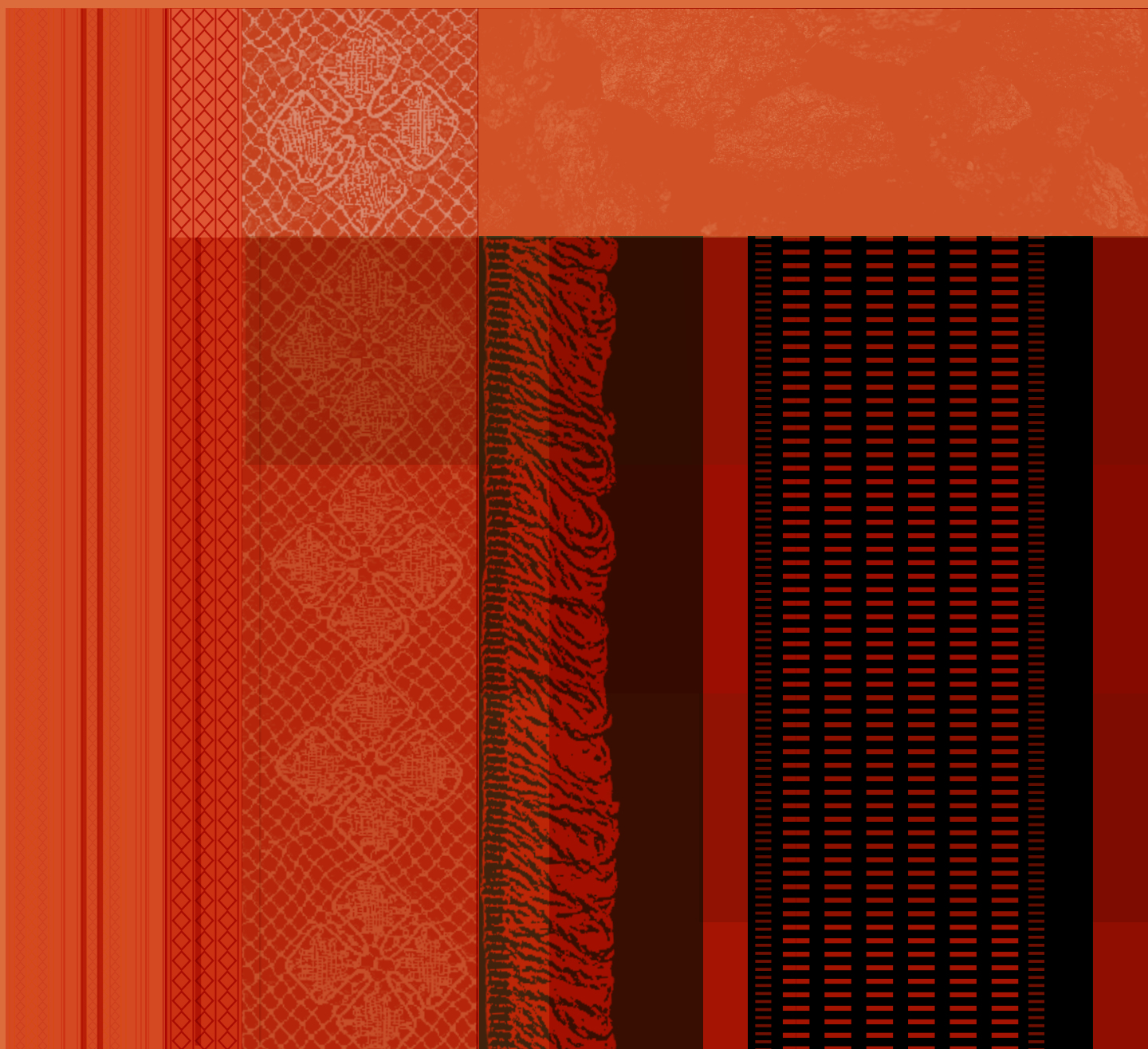


O Gesto e o Território

4ª Bienal De Mains de Maîtres

Produção artesanal portuguesa

A atualidade do saber-fazer ancestral



EXPOSIÇÃO
23-26 NOV 2023

REPRESENTAÇÃO
OFICIAL PORTUGUESA

19 Liberté, Luxemburgo





Portugal é o país convidado da **4ª edição da Bienal De Mains de Maîtres no Luxemburgo** sob o tema **O Gesto e o Território, a Bienal De Mains de Maîtres** decorrerá de 23 a 26 de novembro no edifício histórico 19 Liberté, no coração da cidade de Luxemburgo, tendo Portugal como país convidado.

A representação oficial portuguesa na Bienal, através da exposição **“Produção artesanal portuguesa: a atualidade do saber-fazer ancestral”**, terá como fio condutor enfatizar a missão que preside ao Programa Nacional Saber Fazer Portugal. O projeto curatorial é da responsabilidade da Direção-Geral das Artes, através do Programa Nacional Saber Fazer Portugal, com consultoria da The Home Project Design Studio — THP. A participação ocupará uma área expositiva de cerca de 460 m², com a apresentação de cerca de 60 peças de 54 artesãos e pequenas unidades de produção nacionais, colocando em evidência o reconhecimento da atualidade e relevância para a sociedade contemporânea da produção artesanal apoiada em conhecimentos ancestrais. Esta relevância pode ser percebida em quatro eixos: o da funcionalidade e sentido quotidiano das suas produções, o da sustentabilidade ambiental, o do valor patrimonial e o da resiliência económica.

O conjunto de artefactos presentes na exposição é uma seleção conduzida pela representatividade das características fundamentais inerentes às artes artesanais, pela diversidade de matérias-primas e da sua ligação aos territórios, pela diversidade do trabalho representado e pela abrangência do território nacional.

A realização de oficinas é parte integrante da exposição, com o objetivo de proporcionar um contacto direto com materiais, matérias-primas, técnicas e uma experiência de iniciação em seis artes diferentes, conduzida pelas artesãs e artesãos, detentores desse conhecimento. Assim, no **Espaço Fazer** da exposição decorrerão as seguintes oficinas: Bordado de Castelo Branco, pelo Centro de Interpretação do Bordado; Cestaria em bunho, com Manuel Ferreira; Cestaria em cana, com Domingos Vaz; Cestaria em vime, com Alcídio Andrade; Empreita de palma, com Maria João Gomes (Palmas Douradas), e Rendas de bilros, pela Associação para Defesa do Artesanato e Património de Vila do Conde. Estas oficinas serão dirigidas a alunos do ensino artístico, artesãos e artistas.



Ana Lua Caiano

No dia 21 de novembro haverá uma sessão de pré-abertura com o concerto da artista Ana Lua Caiano, a ter lugar na Sala de Música de Câmara da Philharmonie Luxembourg, pelas 19h. Estarão presentes nesta sessão o Ministro da Cultura, Pedro Adão e Silva, o Diretor-Geral das Artes, Américo Rodrigues, o Embaixador de Portugal, Pedro Sousa e Abreu e Adília Carvalho, Diretora do Centro Cultural Português — Camões no Luxemburgo.

A Bienal De Mains de Maîtres tem vindo a afirmar-se desde 2016, como uma iniciativa que pretende oferecer uma ampla representação de trabalhos de exceção de artesãos e criadores, num universo de obras entre a arte e o artesanato, que retira a sua vitalidade e modernidade da transmissão de gestos e da busca perpétua da inovação. Conta com o apoio de SS.AA.RR. os Grão-Duques do Luxemburgo, os Ministérios da Cultura e da Economia e a Câmara de Comércio e o Banco Nacional do Luxemburgo.

A ambição desta quarta edição será acolher mais de sessenta artesãos luxemburgueses selecionados após concurso. Jean-Marc Dimanche, comissário-geral da exposição, escolheu o tema “O gesto e o território”, para celebrar o gesto e o espírito, mas também e sobretudo para questionar os criadores sobre a noção de identidade artística, de património cultural ligado à história de cada país. Como as habilidades são transmitidas? Como enriquecem com a chegada e a contribuição de artesãos de outros lugares?

Será também uma ocasião para refletir sobre as questões ecológicas que se colocam atualmente acerca da exploração de recursos e tecnologias e dos contributos que o conhecimento popular pode dar.

Informações

De quinta-feira, 23 de novembro a Domingo, 26 de novembro de 2023

19 Avenue de la Liberté, LUXEMBURGO

Aberto ao público: 10h00-18h30 · Entrada gratuita

CONCEITO CURATORIAL

As artes tradicionais têm percorrido um longo caminho ao longo dos tempos, tendo sido validadas por diferentes gerações e atualizadas várias vezes. No entanto, as suas técnicas e artefactos, profundamente enraizados nos costumes diários e no ambiente doméstico, têm vindo a desaparecer do nosso dia-a-dia. Há contudo novos entendimentos do mundo em que vivemos e do impacto da ação humana, que reivindicam o carácter autêntico e holístico destes utensílios, o que desencadeia uma recuperação das suas técnicas de produção, que voltam a ser procuradas, adaptadas ou aprimoradas.

As artes e ofícios enfrentam os mesmos desafios que a indústria de massa e o consumidor comum — a digitalização, a inteligência artificial, a crise climática e a economia global. No entanto, a produção artesanal tradicional tem a vantagem de oferecer respostas mais sábias e válidas aos problemas mais urgentes do nosso tempo, graças à sua relação equilibrada com o meio ambiente, à escala humana da sua produção e ao respeito pela cultura. Para compreendermos essa resposta, é importante não ficarmos presos ao ritmo acelerado da inovação artificial das megatendências globais e aprendermos a valorizar o tempo, a beleza natural dos materiais e a eficácia dos processos ancestrais.

A produção artesanal tradicional não é uma relíquia do passado, mas sim uma parte vital do presente e do futuro. Os produtos e serviços oferecidos por artesãs, artesãos e pequenas manufacturas são uma resposta culta e sustentável aos principais desafios da nossa época. O seu trabalho é executado com técnicas e tecnologias antigas e fazendo um uso consciente dos recursos disponíveis, pelo que resulta em importantes lições para a contemporaneidade, principalmente na forma como apresentam soluções inteligentes e eficazes para o quotidiano.

Preservar matérias-primas e práticas vernaculares e nutrir o fascínio por criar com as próprias mãos, são passos importantes para alcançar algo novo, ao mesmo tempo preservando e melhorando o existente.

A representação oficial portuguesa na Bienal *De Mains de Maîtres* tem como fio condutor a missão que preside ao Programa Nacional Saber Fazer Portugal, colocando em evidência os principais princípios que o norteiam, nomeadamente, o reconhecimento da atualidade e relevância para a sociedade contemporânea da produção artesanal apoiada em conhecimentos ancestrais. Esta relevância pode ser percebida em quatro eixos: o do Sentido quotidiano das suas produções, o do Respeito pela paisagem, o do Valor patrimonial e o da Resiliência económica.

Sentido quotidiano

A produção artesanal tradicional é intrinsecamente criativa e evolutiva. Ela resulta da adaptação e aperfeiçoamento das formas às funções ao longo de gerações de artesãos que de forma anónima as desenvolveram com o seu cunho pessoal e sentido estético próprio. É neste sentido que o conhecimento ancestral não é uma coisa do passado, ele atualiza-se: as criações e produtos que atravessaram gerações, permanecem porque são sabiamente funcionais, inteligíveis e reparáveis. De uma boa adequação entre materiais acessíveis, técnica e utilidade resulta a sofisticação da produção artesanal tradicional; e da simplicidade das formas e dos gestos que as criam sobressai o requinte.

Respeito pela paisagem

A produção artesanal tradicional faz bom uso das matérias-primas, muitas delas recolhidas diretamente da natureza, apoiando-se no domínio dos ciclos e processos de cultivo, desta forma respeitando a sustentabilidade dos ecossistemas, porque desta depende a continuidade da existência dos materiais. Do uso responsável de recursos de origem orgânica para a confecção destes produtos retiramos benefícios ambientais, quer nos seus processos de produção, quer no uso que deles fazemos, uma vez que no final da sua vida útil são muito menos poluentes, ou até mesmo, no caso de alguns materiais, convertendo-se em matéria compostável. Pretende-se assim expor os benefícios para o ambiente da produção artesanal, quer na sua manufatura, quer nos hábitos de consumo, e ao mesmo tempo dissipar a imagem do tradicional associado aos seus contextos originais de pobreza, recuperando os seus ensinamentos de economia de recursos, de ecologia e de sustentabilidade.



Valor cultural

A produção artesanal tem uma relação muito direta com os valores percebidos localmente como parte da identidade cultural de uma região, advindo também deste aspeto o seu potencial de criação de valor social e económico.

Os artesãos que hoje produzem com técnicas e tecnologias antigas estão a fazê-lo com códigos visuais e soluções originais, que enriquecem a vida quotidiana e a tornam menos dependente de estilos, tendências e modelos estéticos uniformes do mercado global, ao mesmo tempo que preservam a memória cultural e artesanal dos territórios. Deste modo constroem uma cultura material contemporânea que reflete não só as características únicas de uma paisagem como também o legado histórico de múltiplas influências que são parte da diversidade cultural do país.



Resiliência económica

A cultura da produção artesanal destaca-se pela qualidade das propostas que apresenta para as novas cadeias de valor. Os produtos e serviços artesanais, concebidos e produzidos localmente, podem voltar a fazer parte das rotinas quotidianas e dos hábitos de consumo dos nossos dias, pela sua qualidade material e estética intrínsecas. Ao fazê-lo, contribuem para a sustentabilidade socioeconómica dos territórios, para o consumo consciente e responsável, ou seja, para o funcionamento das economias locais e circulares.

Para além destes quatro eixos transversais a todo o setor das Artes e Ofícios tradicionais, pretendemos destacar quatro características presentes em todos os artefactos de matriz ancestral, que surgem aqui exemplificadas através de utensílios concretos que as poderão ilustrar de uma forma mais evidente. O Simbólico, a Inteligência Material, a Minúcia Técnica e o Abrigo são conceitos que se manifestam e se cruzam de forma fluida nos diferentes artefactos, revelando a mestria das artesãs e artesãos na resposta às diversas necessidades das sociedades em cada tempo.

O conjunto de artefactos presentes na exposição é assim uma seleção conduzida pela representatividade das características fundamentais inerentes às artes artesanais, pela diversidade de matérias-primas e da sua ligação aos territórios, pela diversidade do trabalho representado e pela abrangência do território nacional, longe da ideia de uma mostra exaustiva ou da valorização individual. Esta selecção reúne apenas artefactos produzidos atualmente, evidenciando o seu carácter contemporâneo. Todas estas peças continuam a ser feitas hoje em dia. A herança coletiva do saber fazer é aqui representada pelos trabalhos destes mestres, que como seus embaixadores convidam o visitante a conhecer melhor a atualidade da cultura material e imaterial portuguesa.

O Simbólico

Os objetos que nos rodeiam no nosso dia-a-dia, para além dos usos práticos que lhes damos, contêm dimensões afetivas, pessoais, ou de relação com um coletivo, através das quais nos ligamos a eles. Por vezes são parte de histórias familiares; têm a marca da pessoa que os produziu; resultaram de uma manifestação de afeto por alguém; são inscritos com elementos decorativos padronizados por uma tradição local; por vezes são de pertença coletiva ou são produções associadas a algumas festividades que assinalam momentos do ano, com uma origem e sentido que se perdeu no tempo.

As máscaras portuguesas são o exemplo que elegemos para destacarmos a dimensão simbólica destes artefactos. Elas participam de rituais que dão sentido a um grupo ou uma comunidade, assinalando momentos importantes do calendário. Para lá da expressão artística que lhes dá a forma, elas encerram significados que se exprimem na reprodução e manutenção de sistemas sociais e culturais através da sua participação em manifestações rituais, públicas ou ocultadas. Apresentam uma grande diversidade, não apenas nos materiais utilizados na sua confeção (madeira, cortiça, fibras vegetais, metal), mas também nas festividades de que são parte integrante e que acontecem no período que compreende o Natal e o Entrudo. As máscaras no contexto português têm como denominadores comuns elementos de transgressão, de diabólico e de perturbador que se revelam tanto na sua confeção, como no comportamento dos mascarados que as exibem, junto com o traje completo com que se mostram. As cerimónias de que fazem parte resultam de um tempo em que as sociedades rurais eram reguladas diretamente pelos ciclos agrícolas, atravessam o Inverno, período do ano de maior alívio dos trabalhos mais pesados e de maior reclusão das aldeias sobre si mesmas, funcionando como elemento agregador das comunidades.

Com o distanciamento da agricultura e rarefação demográfica das aldeias, e após um período de crise na sua perpetuação, surgiu uma emergente consciência e promoção de identidades culturais locais, que vêm revitalizar as festas dos mascarados. Inseridas num novo contexto, marcado por múltiplas iniciativas de patrimonialização e visibilidade, junta-se uma dimensão performativa à sua dimensão ritual, abrindo as festas dos mascarados a novas e mais alargadas audiências, motivando a continuidade da produção e reinvenção das máscaras.

A Inteligência material

A permanência até hoje do domínio de alguns conhecimentos ancestrais para a produção de artefactos de uso quotidiano, pode ser explicada pela presença de uma forte tradição agrícola em Portugal, uma transição demográfica para os centros urbanos ainda recente e um fechamento social de quase meio século. A produção artesanal tem a sua origem na satisfação de necessidades próprias de um contexto marcadamente rural e com princípios de relação com a natureza que lhe são inerentes. A leitura e aplicação que faz da paisagem, respeitando os ciclos da sua sazonalidade e não comprometendo a regeneração de recursos, recorre a um hábil aproveitamento de formas e características naturais no desenvolvimento de soluções para o dia-a-dia.

Apesar do abandono gradual de antigas formas e modelos, alguns resistem na sua funcionalidade: no mobiliário, dos bancos às cadeiras; na cozinha, desde os objetos para confeccionar, servir, transportar e conservar alimentos, às bilhas de conter e refrescar água; e até na adega, no uso das talhas para a produção e armazenamento de vinho. A alimentação é uma das áreas onde se verifica uma maior longevidade de alguns utensílios. A caçoila mantém-se imprescindível para a confeção da chanfana e determinante no seu sabor; o alguidar torto ou pingadeira para levar o arroz ao forno, no qual pinga a gordura da carne que nela assa ao mesmo tempo.

A cataplana que designa o objeto e ao mesmo tempo o prato que nele continua hoje a ser cozinhado pela sua durabilidade e processo de confeção, com maior rentabilização do calor e com um menor uso de gordura. O cucharro que toma forma nos nós do tronco do sobreiro e é pendurado junto às fontes de água para ajudar a matar a sede, fazendo uso das características assépticas da cortiça natural, leve, resistente às quedas e ao contacto prolongado com a humidade.

Os exemplos que destacamos são apenas alguns entre muitos bons exemplos que resultam de um sábio apuramento da aliança entre função, forma e material, desenvolvidos pela experiência prática ao longo dos tempos e que podem continuar a ter a sua relevância e atualidade.



A Minúcia técnica

A ruralidade associada à pobreza levou a uma generalização errada de uma relação entre produção artesanal e o rústico, o imperfeito e o grosseiro. Este preconceito também assenta na utilização de técnicas e ferramentas mais rudimentares. Contudo, o virtuosismo existe no modelo artesanal, revelando-se no próprio engenho e exímia aptidão com que cria formas complexas, através de ferramentas simples que hoje se englobam no conceito de baixa tecnologia.

As artes tradicionais são mais do que a criação de produtos eficazes para uma função prática. Combinam sentido estético com um domínio apurado da técnica e a habilidade manual com o conhecimento do comportamento dos materiais, extravasando por vezes os suportes que lhe são convencionais. O apuramento decorativo de determinados artefactos, chega a ser comparável a técnicas que são próprias de outros materiais: as colheres de madeira, que fazem parte de uma arte conhecida como pastoril, são “bordadas”; as composições decorativas da técnica do empedrado da olaria de Nisa assemelham-se a rendas sobre o barro e a palha de trigo é usada como um fio para bordar com requintada delicadeza.

Estes e outros artefactos pretendem destacar a sofisticação que sobressai da minúcia técnica. A delicadeza das formas apuradas não é conseguida apenas através de máquinas e ferramentas de precisão. Aliás, não há maquinaria que consiga executar algumas destas técnicas.

A graciosidade e leveza das rendas de bilros, de produção mais localizada em comunidades litorais, resulta do uso de utensílios específicos também eles produzidos manualmente - os bilros, são verdadeiras esculturas de madeira torneada. Todos estes bens transpuseram a sua dimensão utilitária, a loiça de Nisa ou a cantarinha das prendas de Guimarães são alguns dos exemplos. A produção manual dos palitos de Lorvão, foi além da sua utilidade, adicionando elementos decorativos e produzindo pequenos objetos escultóricos. O trabalho em miolo de figueira ou escamas de peixe dos Açores, são um exercício de abstração pura a partir de um material acessível localmente. A arte da filigrana, verdadeira renda de fio de ouro ou de prata, desempenhou o papel de afirmação de estatuto social e elemento simbólico de ostentação num contexto rural também ele estratificado, sendo Gondomar, um reconhecido centro de produção de ourivesaria, também de valor afetivo e patrimonial.

O Abrigo

Este núcleo destaca artes ligadas ao que nos cobre o corpo e o ambiente da casa. A ideia de conforto associada ao que nos abriga, é aqui também transposta para um sentido figurado: as artes tradicionais onde também se abrigam o sentimento de pertença das comunidades, a sua longa história e ligação a um território.

A Croça, originalmente capa de pastores, resulta da sobreposição de diferentes camadas de junco, tecido e torcido, formando um inigualável conjunto impermeável à chuva e ao vento, feito exclusivamente com palha e a sabedoria das mãos. As mesmas mantas de lã que hoje em dia confortam e aquecem algumas casas, também já foram proteção de pastores, com técnicas, cores e padrões que as caracterizam, como são o caso do Cobertor de Papa, de Maçaínhas, região da Guarda; e as mantas alentejanas produzidas em Reguengos de Monsaraz. A colcha de Castelo Branco consiste num tecido de linho cru, bordado a fio de seda, com cores, motivos e pontos que a diferenciam de outros produtos têxteis nacionais. Apesar de se consolidar como uma produção emblemática da região apenas no início do século XX, ela parece transportar influências antigas trazidas do Oriente e que estão patentes na sua iconografia bordada. A Colcha das Palmas, uma peça icónica da tecelagem portuguesa, produzida na ilha de S. Jorge, também é um exemplo de como influências de outras paragens viajaram e se fixaram num produto distintivo local. A écharpe de seda natural, que saiu dos teares do Museu da Seda e do Território, está ligada a um conhecimento secular protegido e transmitido até hoje em Freixo de Espada à Cinta.

Para a elaboração do conjunto do colar e saia em empreita de palma, não foi necessário mais que as próprias mãos da sua criadora, que idealizou esta interpretação artística expandindo as aplicações desta técnica. Dos teares, que noutros tempos constituíam um equipamento comum em muitas casas, saem capas, saias e aventais, de técnicas diversificadas dentro do que a tecelagem permite, com mais ou menos introdução de cor, tendo a lã como material em comum. A versatilidade da lã, é usada na ilha da Madeira, para a confeção do barrete de vilão ou de orelhas, elemento de traje icónico desta região do país, de onde também provém o chapéu de palmito, palma autóctone, feito hoje por um número muito residual de artesãs. O modelo de chapéu de palha de dragoeiro em espiral cosida, com origem atribuída à ilha do Pico, nos Açores, reproduz uma elegância que lhe vale o estatuto de chapéu para dias de festa.

A Paisagem

Os objetos produzidos com os recursos obtidos diretamente da natureza, transportam consigo a paisagem. Nesta colhem-se as espécies vegetais que nela habitam de forma espontânea, como a cana, a palma, o bunho, o bracejo ou a cortiça, ou que nela são cultivadas intencionalmente para posterior transformação, como o vime ou o linho, para nomear algumas das fibras mais utilizadas em Portugal. Caminhar com uma alcofa de empreita de palma é transportar um pouco da paisagem serrana algarvia. O tarro das regiões de pastoreio e de sobreiros, contém a paisagem da qual se extrai a cortiça de que ele é feito. Da paisagem alimentam-se e reproduzem-se as diferentes ovelhas autóctones das quais se extrai a lã que dá origem a produtos muito diferenciados regionalmente. É do solo que se extrai a argila, cujas características naturais determinam as diversas produções de olaria do país.

Incorporar a paisagem nos utensílios do nosso dia-a-dia, numa relação mais estreita com o ambiente natural, com o compromisso de uma boa gestão das matérias-primas e respeitando os ciclos da sua regeneração é uma das vertentes do potencial humanizador da sociedade atual por via da produção de bens pelas artes artesanais.



ESPAÇO FAZER

Neste núcleo damos a conhecer os gestos que representam os movimentos próprios de cada técnica e da manipulação de cada material, com a presença dos mestres de algumas artes tradicionais aqui evocadas. A realização de oficinas é parte integrante desta exposição, proporcionando o contacto direto com materiais e matérias-primas e a oportunidade de ter uma experiência de iniciação em seis artes. Este espaço de oficinas permite vivenciar o fazer, pelas mãos de quem tem o saber de anos de aperfeiçoamento continuado, indispensável à mestria de todo o trabalho de execução manual.

Bordado de Castelo Branco, pelo Centro de Interpretação do Bordado, com Anabela Rosindo e Maria Rosa Gonçalves

Numa oficina de Bordado de Castelo Branco é reproduzida uma amostra dos principais pontos utilizados e que podem ser até 48. Contudo, a maior parte do tempo de aprendizagem é dedicado ao ponto frouxo, também chamado de ponto de Castelo Branco, por ser este o que predomina neste tipo bordado.

Cestaria em bunho, com Manuel Ferreira

Esta oficina consistirá na produção de um pequeno cesto utilizando o bunho, espécie de junco gigante que cresce em ambientes inundados, junto a cursos de água. Os participantes poderão ter um contacto direto com esta fibra vegetal que é leve, macia e confortável ao toque, ao mesmo tempo que é resistente e adequada não apenas à produção de cestos como à construção de diferentes tipos de assentos, desde os bancos às cadeiras.

Cestaria em cana, com Domingos Vaz

A cana, apesar de ter um crescimento espontâneo um pouco por todo o país, é no Sul que conhece uma das suas maiores aplicações tradicionais, a da confeção de cestos e canastras. Nesta oficina os participantes terão oportunidade de fazer um pequeno cesto de cana, passando por todas as suas etapas.

Cestaria em vime, com Alcídio Andrade

Os participantes desta oficina terão oportunidade de iniciar e acabar um cesto simples em vime dos Açores, um tipo de produção existente um pouco por todo o país e que aqui conhece formas locais próprias, como as cestas folhas de trevo ou as cestas do camponês.

Empreita de palma, com Maria João Gomes (Palmas Douradas)

Foi uma atividade económica com grande expressão no Algarve, durante vários séculos, como produto de exportação para embalagem e transporte de bens alimentares. A proposta desta oficina será aprender a fazer uma trança de 7 ramais, fazer corda com folha de palmeira (baracinha ou tamissa) e a partir destes dois elementos, dar forma a uma pequena cesta ou um individual, dependendo da destreza de cada um.

Rendas de Bilros, pela Associação para Defesa do Artesanato e Património de Vila do Conde, com Isabel Carneiro

As rendas de bilros assumem hoje um carácter patrimonial, sendo uma das artes mais notáveis da tradição têxtil portuguesa, com maior incidência junto ao litoral, em comunidades com tradição piscatória (Vila do Conde e Peniche).

A oficina consistirá na execução de uma amostra de renda, utilizando os três utensílios habituais necessários, como a almofada, bilros e o cartão com o desenho da renda marcada através de picotado, aos quais se juntam a linha e os alfinetes.



ARTESÃOS e ARTESÃS PARTICIPANTES

Hélder Saraiva
Catarina Martins
Sónia Pombares / Luís Filipe Costa
Casimiro Lavrador
Associação Lusitanea
Adão de Castro Almeida
Fernando Nelas
Manuel Ferreira
Joaquim Boavida
Manuel Pica
Artur Fonseca
Adélio Real
Analide do Carmo
Quirino Ferreira
ARTANTIGA
António Mestre
César Teixeira
Olaria AGP
AC Filigrana
António Louro, Graça Piedade
ADAPVC
André Panoias «Mal Barbado»
Lina da Silva
Maria Fernanda Braga
Maria de Fátima Lopes
Maria de Fátima Costa
Berta Paiva
Isabel da Eira
Maria Amélia Melim
Maria Alzira e Maria Conceição Neves
Cristina Cardoso
À Capucha
Maria João Gomes (Palmas Douradas)
Fernando Rei (TEARTE)
Casa de Trabalho do Nordeste
Capuchinhas
Museu da Seda e do Território
Fabricaal
Associação Genuíno Cobertor de Papa
Centro de Interpretação do Bordado CB
Casa de Artesanato Nunes



Sobre o Programa Nacional Saber Fazer Portugal

O Programa Saber Fazer, foi aprovado pela Resolução de Conselho de Ministros de 23 de outubro de 2020 (89/2020), que estabelece a estratégia nacional para o Saber-Fazer, e apresenta as várias medidas para a salvaguarda, o reconhecimento e o desenvolvimento sustentável do sector das Artes e Ofícios tradicionais, como forma de afirmação da marca identitária dos territórios e do País. Aquela resulta do reconhecimento da importância que o sector da produção artesanal tradicional pode desempenhar na sociedade contemporânea, criando produtos e serviços que fazem sentido no nosso quotidiano, com viabilidade económica, benefícios ambientais e valor patrimonial.

O Programa tem a sua fase de implementação prevista para o período de 2022-2025, e conta com o financiamento do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), através do Investimento “RE-C04-i02 — Património Cultural”.

Entre as principais medidas do Programa a mais visível é a Plataforma Digital Saber Fazer, que tem como objetivo principal representar a produção artesanal tradicional, entendida como resultante de um conhecimento pleno da obtenção e tratamento das matérias-primas que lhe são próprias e de um domínio técnico apoiado em práticas ancestrais e consolidado pela experiência continuada. A informação é partilhada procurando destacar o trabalho dos protagonistas deste setor, as artesãs e os artesãos, bem como os produtos, processos e materiais, na sua relação com o território e a paisagem natural.

Contactos

Direção-Geral das Artes
Campo Grande, nº 83 - 1º, 1700-088 Lisboa
(+351) 211 507 528 / saberfazer@dgartes.pt

